

*Boletim*

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
FIALHO DE ALMEIDA**



**NOVEMBRO / 2020 • N.º 5 - II SÉRIE  
CUBA**

# Sumário

## Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida

- 1 Editorial
- 2 Saibam quantos...  
(Cartas e artigos políticos)  
Fialho de Almeida
- 6 Ceifeiros  
Fialho de Almeida
- 9 Fialho de Almeida  
- Suicídio ou morte natural?  
Manuel de Jesus Horta
- 14 Fialho de Almeida  
e o Rei D. Luís  
António Cândido Franco
- 18 Da Os Gatos (vol. I)  
Andrea Ragusa
- 25 Os Gatos (vol. I)  
Fialho de Almeida
- 33 Fialho de Almeida e a Crónica:  
algumas reflexões  
José António Costa Ideias
- 40 Notícia de un olvidado artículo  
sobre Fialho de Almeida  
Miguel Ángel Buil Pueyo
- 46 À Roda de Fialho de Almeida  
Alberto Oliveira
- 49 Sensação de Pertença  
Octávio dos Santos
- 51 Noticiário

N.º 5 - II Série  
Novembro / 2020

Direcção / Coordenação  
Francisca Bicho

Redacção  
Apartado 25 - EC Cuba  
7940-999 Cuba  
ac.fialhodealmeida@gmail.com

Edição  
Associação Cultural  
Fialho de Almeida  
NIPC N.º 504 485 989

Tiragem  
500 exemplares

Capa  
Mária Morais

Composição / Impressão  
BejaGráfica, Lda.  
Tel. / Fax 284 322 250  
7800-440 Beja

ISSN 2184-3309  
Depósito Legal 142 282 / 99

O Boletim da ACFA está aberto a toda a colaboração, não se responsabilizando, contudo, a Direcção, pela publicação e devolução dos originais não publicados

# *Fialho de Almeida e o Rei D. Luís*

[Nota a uma tradução de Andreia Ragusa]

• António Cândido Franco (Universidade de Évora)

Quando Luís de Bragança, filho de Maria II e de Fernando Saxe-Coburgo-Gotha, foi aclamado rei em Dezembro de 1861 era Fialho uma criança de 4 anos. Vivia em Vila de Frades na modestíssima casa de seus pais, em frente da igreja da Misericórdia, onde se velavam os defuntos, todo entregue aos seus cuidados de menino pobrete e campestre. Ouvia por certo falar em casa ou nas ruas da vila do novo rei, que, destinado a oficial de marinha, eterno segundo, subia ao trono de forma inesperada, pela morte do irmão primogénito, aos 24 anos – o esperançoso Pedro V. Tudo se passava porém demasiado longe – nem linha-férrea ainda ligava Beja ao Barreiro – para tal facto poder captar a atenção do menino e merecer o seu real interesse.

Mais tarde, em Lisboa, com a linha férrea instalada no Baixo Alentejo e já Fialho um rapaz de buço com interesses na arte, na literatura e no jornalismo, a figura do rei fez-se-lhe mais próxima, tão próxima que quando se decidiu, homem feito, a uma carreira de panfletário, dando início à publicação mensal dum escrito satírico de -inquérito à Vida Portuguesa- a figura do rei e a da sua família tomaram logo lugar na primeiríssima linha.

A nova publicação, baptizada *Os Gatos*, iniciou-se em Agosto de 1889,

reinava ainda D. Luís, que no final de Outubro atingira o meio século de vida. Seu pai, o rei consorte, morrera em 1885, quase septuagenário, e a atenção de Fialho acaba por recair antes de mais sobre esta exótica figura tudesca de sensibilidade romântica, que viera para Portugal em 1836 e que por aqui ficara construindo chales e castelos tão bizarros e fantásticos como os da Baviera – é dele essa excentricidade admirável que é o Palácio da Pena, em Sintra – e embevecendo-se de ópera e canto lírico, estranho de todo ao espanto e chifrim da alma quente do meridional. A esposa, a rainha Maria II, nascida nos calores do trópico, Rio de Janeiro, falecera de parto em 1853, aos 34 anos, depois de dar onze vezes à luz, e o viúvo apaixonara-se por uma cantora lírica, Elisa Hensler, com quem casara em 1869.

O casamento morganático do rei fora pessimamente recebido na corte e as picardias a que foi sujeito foram muitas. Sobretudo a sua nora italiana, a nova rainha, Maria Pia de Sabóia, filha do primeiro rei dum Itália unida, Victor Emmanuel, que casou em 1862 com o inesperado rei Luís de Bragança, nunca lhe perdoou a presença na corte em plano igual ao seu. O sogro pagou-lhe com um testamento público, que beneficiou a cantora e atirou para a sombra os restantes



D. LUÍS – [https://www.dn.pt/edicao-do-dia/28-set-2019/o-dia-em-que-d-luis-recusou-ser-rei-de-espanha-e-disse-no-dn-portugues-que-ro-morrer-11346628.html#media-](https://www.dn.pt/edicao-do-dia/28-set-2019/o-dia-em-que-d-luis-recusou-ser-rei-de-espanha-e-disse-no-dn-portugues-que-ro-morrer-11346628.html#media)

membros do seu círculo familiar. Estes ódios, que fazem da família real um vulgaríssimo vespeiro igual ao de cada esquina dos bairros populares da capital, fizeram as delícias de Fialho e acabaram explorados com uma verve cheia de sainete em páginas que, sendo as iniciais do novo panfleto, evidenciaram desde logo a força linguística extraordinária do novo crítico, capaz de realizar como ninguém o programa demolidor e mordaz de qualquer panfleto.

Deve-se com certeza a esse *incipit* sobre a família real o favor e a popularidade que *Os Gatos* logo gozaram, prometendo desde o início levarem vantagem no género a qualquer outro tentame anterior – e não muitos eram numa literatura fradesca, tími-

da e sem ousadias, que primou sempre pela dissimulação tergiversada, o que de resto não é uma qualidade lusa exclusiva, se se atender como é devido que a restante literatura ibérica e europeia também viveu durante séculos o aperto do medo e do consentimento forçado. Além do superior génio linguístico do seu autor, difícil de emular em qualquer hora, a escrita panfletária de Fialho beneficiou ainda de circunstâncias políticas invulgares, que embora iminentes estavam então nesse Verão de 1889 muito longe de adivinhar e que fizeram dela um documento histórico excepcional. Salvante Fernão Lopes nas incisivas sanguíneas que legou da revolução de 1383, essa literatura crítica, historiografando de par em par